

A TEIA-ALEGRIA OU DE COMO PENSAR O CORPO-ARANHA COM SPINOZA

PAULO JORGE BARREIRA LEANDRO *

O presente trabalho possui o intuito de pensar um corpo agenciado ao signo da aranha em seus aspectos de força de existência, ou seja, naquilo que a aranha faz e afirma a si mesma neste fazer, ou seja, tear a sua própria vida, construir sua teia e observar os encontros. Assim, articulamos uma possibilidade de com Spinoza um corpo multifacetado que ao mesmo tempo que produz algo a partir de seus encontros também possa se produzir e assim como a aranha, viver daquilo que tece a partir de coisas internas e externas e produzir coisas no interno e para o externo, ou seja, pensar um corpo que possa assumir na fruição conativa, em seu potencial regulativo de vida, a capacidade de fiar sua própria teia de alegria, seu campo afetivo dentro da ética dos encontros.

Pensando o homem como um modo finito de Deus, da Natureza, passamos a lente, o foco da dimensão da infinitude para a finitude, no caso, do homem com suas particularidades e direcionamentos, suas linhas de vontade, de determinação e liberdade.

Estamos, na teia da aranha, em um espaço de tecido afetivo, onde o ato afirmativo de fiar as linhas-modos no corpo e na mente do homem é exatamente a possibilidade de criar para si uma Teia-Vida, como a aranha que tece sua teia, suas linhas conativas, que justamente é por onde ocorre a fabricação interna que ela, a aranha,

vive. Trataremos, como afirma Spinoza no *Breve Tratado, unicamente das coisas que concernem ao homem e, para isso, consideraremos em primeiro lugar, o que é o homem em quanto consistem em alguns modos contidos em dois atributos que observamos em Deus* (p. 89) ou seja, mente-corpo e a função da alegria enquanto afecção ativa na fabricação de um corpo-aranha.

Assim como a aranha vive do que tece (in. GIL, Gilberto. *Oriente*) o homem, em Spinoza, no seu potencial conativo vive daquilo que produz, trata-se de uma fabricação interna em relação com o externo, com o meio e é justamente nesta fruição conativa que acontece uma produção de vida, onde na imbricação do bloco pensamento-extensão que a teia da alegria é instaurada.

Neste sentido, com o objetivo esclarecido podemos iniciar o trabalho naquilo que tange ao corpo e como ele pode ser pensado com Spinoza levando-se em conta a ideia-força ‘aranha’ e, sua passagem pelo corpóreo, ou seja, como o corpo pode ser pensado através dessa associação com a ideia força ‘aranha’ dentro do prisma spinozano.

CORPO-ARANHA OU DE COMO FABRICAR A PRÓPRIA TEIA

Acerca do que vem a ser a noção de corpo-aranha vale ressaltar as zonas proximais e potenciais deste próprio bloco: corpo e aranha. Como pensá-los com Spinoza? Como Spinoza pensa o corpo? E os afetos, o que são?

* Filósofo, Performer, Palhaço e Contador de Histórias.

Deste modo, temos que o corpo em Spinoza não é pensado sozinho, mas dentro de um acoplamento com a mente. Dentro da definição anteriormente citada há uma imbricação entre pensamento e extensão, ao mesmo tempo. Assim, Spinoza nos leva a pensar uma unidade entre mente e corpo, ou seja, atributos de Deus atuando sincronicamente no homem, tendo neste – o homem, a impossibilidade de viver sem estes dois atributos que o remete a uma única substância a saber: Deus, natureza.

Na via deste bloco atributivo, temos em Spinoza, na parte II da *Ética*, duas proposições essenciais para a compreensão deste bloco: *O pensamento é um atributo de Deus, ou seja Deus é uma coisa pensante*, onde o pensamento é um dos infinitos atributos de Deus (EII, prop. 1, p. 81). E continuando com as próprias palavras de Spinoza: *a extensão é um atributo de Deus, ou seja, Deus é uma coisa extensa* (EII, prop. 2, p. 82).

Dentro da unicidade atributiva temos por parte da extensão o corpo e por parte do pensamento, a ideia. O corpo é *um modo que exprime de uma maneira definida e determinada, a essência de Deus, enquanto considerada como coisa extensa. [...] e a ideia como um conceito da mente, que a mente forma como coisa pensante.* (EII, p. 79). Tudo o que o corpo conecta com a natureza, é sentido e pensado nos próprios modos. Pois o homem pensa e seu pensar articula-se a um corpo que por si é afetado de muitas maneiras. Assim, sensação e percepção estão articuladas unicamente á singularidade do corpo e dos modos do pensar. Há uma similitude entre a ordem e conexões de ideias e de coisas.

A capacidade do corpo em aumentar sua força, sua potência de existir, reside na capacidade da mente perceber muitas coisas e o

corpo poder se arranjar de varias maneiras. Com afirma Spinoza em sua proposição 14:

A mente humana é capaz de perceber muitas coisas, e é tanto mais capaz quanto maior for o número de maneiras pelas quais seu corpo pode ser arranjado. [...] ele, o corpo, é afetado de muitas maneiras, pelos corpos exteriores, e está arranjado de modo tal que afeta os corpos exteriores de muitas maneiras. Ora, tudo que acontece no corpo humano deve ser captado pela mente. (EII, p. 107).

E a ideia que constitui o ser formal da mente é a mesma ideia do corpo, que se compõe desse arranjo de corpos sobre corpos. Como há uma multiplicidade de encontros neste corpo afetado há também uma multiplicidade de ideias referentes ao corpo afetado. Spinoza trata de conceber um homem, indivíduo formando-se a partir de composição há toda hora, há todo momento. Toda ideia da mente se une a mente da mesma forma que a mente se une ao corpo. *Mente e corpo, são um único e mesmo indivíduo, concebido ora sob o atributo do pensamento, ora sob o da extensão.* (EII, p. 115).

Se o corpo é unido à mente, os afetos enquanto disposição do ânimo são molas forças que trafegam no corpo e produzem ideias na mente. As afecções indicam os acontecimentos e modificações no modo, mudanças, flutuações etc. Surgidos da relação do indivíduo com as coisas externas. Desta relação que pode ser potente ou demente, surge a possibilidade de produção deste corpo em suas dimensões passivas e ativas.

A TEIA DA ALEGRIA COMO PRODUÇÃO ATIVA

Após destacarmos a quebra do paralelismo mente-corpo realizado por Spinoza passamos para a dimensão propriamente dos afetos, mais especificamente da alegria e, o quanto este afeto

sendo ativo pode produzir uma vida mais potente, um fazer mais consistente naquilo que desigmo, neste trabalho, como Teia de alegria, ou Teia da Vida.

Mas para isto vale ressaltar a definição de afeto para Spinoza a fim de compreendermos como a alegria surge na qualidade de afetos-ideia, a partir da definição geral dos afetos na Terceira parte da *Ética*:

O afeto, que se diz *pathema* [paixão] do ânimo, é uma ideia confusa, pela qual a mente afirma a força de existir, maior ou menor do que antes, de seu corpo ou de uma parte dele, ideia pela qual, se presente, a própria mente é levada a pensar uma coisa em vez de outra. (p. 257).

Podemos perceber com o filósofo que estamos constantemente em relação com o fora, com o meio, com as coisas da natureza e que cada coisa nos afeta aumentando a nossa persistência em existir ou diminuindo-a. Diante de uma ou de outra, é certo que nossa força de existir vem tanto da relação do indivíduo com as coisas externas como ele com si mesmo.

No caso da alegria, que é o foco de nossa proposta, neste artigo, temos um potencial afetivo que aumenta nossa força de existir, ajuda-nos a firmar nosso campo afetivo à medida que com determinadas coisas externas produzimos bons encontros, fiamos uma teia conativamente potente, sendo através desta teia de alegria que o indivíduo pode atuar de modo mais adequado quanto ao exercício de fiar a vida com sua teia de estilo de si. Trata-se, através de um corpo-aranha, de mais um passo de afirmação do ato de fiar a liberdade, a beatitude. A própria teia é o fazer na própria vida e a si mesmo livremente.

Por isso, neste artigo, buscamos encontrar em Spinoza o conceito de *alegria* e em saber como este conceito pode ser visto como produção ativa,

produção de vida, já que a própria produção envolve quem faz, no caso – o indivíduo, quem ou quais coisas estão conectadas alimentando o indivíduo, o próprio fazer e o produto do fazer, seu efeito em si (internamente) e no meio e nas coisas, no fora (externamente).

Trata-se da teia, da própria a aranha e do ato de fiar, vivendo daquilo que é tecido a partir de si e do que come. Trata-se de um processo de acoplamento entre o sendo e o fazer, ou seja, de um constante refazendo-se a toda hora todo momento a partir das teias-linhas de alegria que são traçadas na contingência, nos encontros na imanência da vida.

Para Spinoza, a alegria é a passagem de um estado de ânimo menor para um estado de ânimo maior, ou seja, o potencial de força de conservação de si no mundo é aumentado a partir da relação com os afetos de qualidade externa, ou seja, que tem sua causa no externo, mas que influencia no interno e dentro deste opera qualificando potencialmente a energia e o ânimo do indivíduo. Como afirma o próprio Spinoza em sua definição dos afetos: *a alegria é uma passagem do homem de uma perfeição menor para uma maior.* (EIII, P. 239).

Vale ressaltar que qualquer coisa externa pode vir a ser causa tanto da alegria como da tristeza, pois em Spinoza não há uma determinação quanto aquilo que especificamente pode produzir alegria ou tristeza. Esta conexão com a alegria é uma produção afetiva naquilo que concebemos como espaço afetivo do indivíduo que é aumentada e fortalecida trazendo consigo também uma gama de outros afetos potencialmente alegres.

É nessa produção do campo afetivo, que o indivíduo pode conscientemente se aliar com os encontros potentes e construir, assim, sua teia da alegria, podendo levar à beatitude e promovendo

uma vida mais ativa em relação á existência passiva. Como afirma o autor da *Ética: Quando a mente considera a si própria e sua potência de agir, ele se alegra, alegrando-se tanto mais quanto mais distintamente imagina a si própria e a sua potência de agir.* (EIII prop. 53, p. 225).

Realizar este jogo de afetação é poder construir uma corpo para si de afetação que afirma cada vez mais a força de uma vida menos reativa e mais ativa, menos triste e mais alegre que possa vir a gerar mais compreensão e por fim, ao que Spinoza propõe, uma beatitude.

A TEIA DA ALEGRIA OU DE COMO PENSAR UM CORPO-ARANHA COM SPINOZA



Com a concepção do conceito de afeto na Parte III da *Ética* onde *por afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada e diminuída, estimulada ou refreada e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções.* (Def, 3, p. 163) temos a possibilidade de pensarmos metamorfoses afetivas, corpóreas, mudanças e nuances que podem vir acontecer na existência, por isto mesmo, a relevância de pensar um corpo-aranha com Spinoza, pelo simples motivo de buscarmos a efetivação de ações, de paixões ativas para um melhor procedimento no ato de tear a vida, como a aranha que produz a partir de seus fios internos sua teia vida, já que seu fazer – o tear – é que faz a aranha ser aranha e o que possibilita sua existência, ou seja, o próprio fazer-se aranha todo instante. Ocorre uma aproximação da própria essência afetiva.

Neste sentido, tendo em Spinoza a noção de unificação mente-corpo, podemos compreender nosso *corpo-aranha* e tear nosso espaço afetivo possibilitando a vinda de uma teia de alegria. Tear fios de alegria significa ter produzido em seu *corpo-aranha* a força suficiente para afetar potencialmente a si, aos que estão próximos e as coisas externas em geral. Como mesmo afirmou Spinoza, somos indivíduos afetivos, damos e recebemos e este jogo de produção de encontros afetivos é fator basilar e constituinte de uma vida ética mais favorável à existência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SPINOZA, B. **Breve Tratado**. Tradução de Emanuel Angelo e Luis César Guimarães. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

_____. **Ética**. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

